

Meu coração, meu cofre cor de opala,
gosto de abrir-te quando morre a tarde,
quando o lírio do brejo, que trescala,
é como o incenso que nos templos arde.
No divino silêncio, sem alarde,
de ti suave aroma se propala:
é a memória dos seres, que Deus guarde,
é a saudade dos meus, que assim me fala.
Ó corações egoísticos, sombrios,
rotas cisternas, secos e vazios,
por onde as dores passam, como as águas,
nem suspeitais quanto consolo existe
num coração que vive, humano e triste,
cheio de outros e de alheias mágoas.

Otoniel de Campos Mota 1878-1951, Relembrando

Pálida à luz da lâmpada sombria,
sobre o leito de flores reclinada,
como a lua por noite embalsamada,
entre as nuvens do amor ela dormia!
Era a virgem do mar, na escuma fria
pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
que em sonhos se banhava e se esquecia!
Era mais bela! o seio palpitando...
negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...
Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti – as noites eu velei chorando,
por ti – nos sonhos morrerei sorrindo!

Manuel Antônio Álvares de Azevedo 1831-1852

Eis a casa de um homem das florestas:
as paredes apenas barreadas,
solo cheio de covas; pelas frestas
entram réstias de sol enfumaçadas.
As paredes da sala, para as festas,
são de anúncios e santos enfeitadas;
móbilias toscas, frágeis e modestas
tripeças pelo uso envernizadas.
Varas de anzol, uma espingarda e a viola,
com que o caboclo – quando em desafogo –
em alegre descantes se consola.
Eis a casa do Bino ou do Mendonça,
onde todas as noites, junto ao fogo,
se narram lendas e caçadas de onça.
Cornélio Pires 1884-1958, Casa rústica

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XV, Nº 11 – 2011 NOVEMBRO
Assinatura até 31.12.12: 13 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,75) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

Nunca tal gozo como o velho dieron
Eros úbero o Diana Vigorosa!
El alma desceñida, a ver el mundo
se asoma desde el seno de una estrella;
y se sienta en sus aspás, y las viste
de guirnaldas de violas y heliotropos.

José Martí 1853-1895, Poesia Completa Tomo I, Aparece:
reluce... Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Depois de tudo acabado
o amor tanto me infemiza
que por magia o passado
entre nós dois se eterniza.
Analice Feitoza de Lima, 1110,
Trinos do Pitiguari: R. Guanabara 542
59014-180 – Natal, RN

A paz vem do interior,
de ti mesmo, não de fora!
Seja lá tudo o que for,
a tempestade é lá fora!

Paixão que é mesmo paixão
que nasce assim por nascer
se gruda no coração
só morre se ele morrer.
Edésio Batista, 1110
Binóculo
jbatista@unifor.br

Se quiseres paz gozar,
ter a cósmica harmonia,
procura com Deus estar
em completa sintonia.

Santo Antônio de Lisboa
foi um grande pregador;
mas é por ser Santo Antônio
que as moças lhe tem amor.
Fernando Pessoa, 1107, Aconte-
cências: R. Manoel F. Albuquerque, 457
53427-270 – Paulista, PE

Verdade que satisfaz,
na qual a vida se encerra:
nada é perdido com a paz.
Tudo se perde com a guerra.

Saudade é o que vem depois,
balanço do amor que finda,
do quanto perdeu os dois,
do pouco que sobra ainda...
Manuel Mª Ramirez y Anguita, 1110
O Patuço: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia, CE

O próximo é nosso irmão,
e a harmonia, quão bem faz.
O amor suscita o perdão
e o perdão produz a paz.

O sol jamais seará
a lagrima de um amor,
ela sempre correrá
sob as sombras de uma dor...
Silva Barreto, 1109, A Voz
da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo, SP

Semeia o amor e a paz!
Quem semeia há de colher,
messe farta e eficaz
nos campos do bem querer.

És a maçã proibida,
mas mesmo assim te provei;
deste pecado da vida,
jamais me arrependerei.
Wilson de Oliveira Jasa, 1105
Fanal: R. Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

A paz e a segurança
não nascem da prepotência.
São flores da tolerância
e frutos da inteligência.

Pedro de Alcântara Worms: 232 Poetas Paulistas – Antologia, 1968; Conquista RJ GB
www.estantevirtual.com.br

Miguel J. Maly, Trovas de Paz, 2010 – Contato: SQN 314 Bloco C, Ap 215, Asa Norte, CEP 70767-030, Brasília, DF

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.11.11, enviar até 3 haicus de quigos: Antúrio, Trafra, Trio Elétrico.
Até o dia 30.12.11, enviar até 3 haicus de quigos: Abacate, Espantalho, Louva-a-Deus.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 – São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles

3. A folha conterà o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

QUIDAI S DE PRIMAVERA – TEMAS DE PRIMAVERA

Buracos seguidos
na rosa areia da praia.
Siris se escondem.
Alda Corrêa M. Moreira

Na rosa vermelha
a borboleta amarela,
pequena coroa...
Anita Thomaz Folmann

O chão sorve a água
que, em gotas, desce do céu.
Chuva-criadeira.
Djalda Winter Santos

Juntinho da cerca,
um carinho em nossos olhos:
– frágil capuchinha!
Humberto Del Maestro

Beija-flor volteia
roseira, inteira, florida.
Muralha de espinhos.
Leonilda Hülgemberg Justus

Semana da Música.
Criações sobre o tablado.
Tocam instrumento.
Mª Marlene N. T. Pinto

Olinhos brilhantes.
Cariinhas lambuzadas.
Com a chuva de caju.
Suely Mendonça

HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Potrilho, um ano.
Corre cá, anda com graça,
meu jovem cavalo.
A gostinho José de Souza
O potrilho pula.
Patras longas, inseguras,
ensaiam seus passos...
Amália Marie Gerda
No Conservatório,
afinação de instrumentos,
no Dia da Música.
Amália Marie Gerda
Ao lado da mãe,
andando graciosamente
brincalhão potrilho.
Analice Feitoza de Lima

No Dia da Música,
o concerto sinfônico
traz sócios ao Clube.
Angela Guerra
No Dia da Música,
soltinho, samba ou forró –
baile no salão.
Angela Guerra
Na frente da escola
sibipiruna faz sombra.
Folhas na calçada.
Angela Villela Santos
No Dia da Música,
festa no Conservatório.
Piano e Coral.
Angela Villela Santos

Atrás da égua
no prado verde,
potrilho aos pinotes.
Cecy Tupinambá Ulhoa
Passos hesitantes.
Potrilho recém-nascido,
Mamãe atenta.
Darly O. Barros
Ajudando
crianças especiais,
trota o potrilho.
Denise Cataldi
Rua estreita,
crianças passam cantando
Dia da Música.
Denise Cataldi

Valsas vienenses,
melodias de um CD.
Dia da Música.
Djalda Winter Santos
Coral formado
por crianças da favela.
Dia da Música.
Flávio Ferreira da Silva
No recital,
solista muito aplaudida.
Dia da Música.
Flávio Ferreira da Silva
Olhando ao redor,
potrilho desce a ladeira
perdido dos pais.
Lávia Lacerda Menendez

Dia da Música.
Diante de um enorme público
a orquestra prepara-se.
Manoel F. Menendez
A égua a seu lado
e o potrilho que nasceu
tentando se erguer.
Manoel F. Menendez
Grande, aparvalhado,
todos caçoando dele;
é um potrilho.
Maria App. Picanço Goulart
Cadeiras no jardim
na sombra da sibipiruna
roda de conversa.
Marilena Budel

No meio do pasto
o potrilho e a mãe
momento da mama.
Marilena Budel
No hall do teatro
aplausos à orquestra.
Dia da Música.
Neuza Pommer
No chão pombos cisam
entre flores amarelas.
Sibipiruna.
Neuza Pommer
Ao longe, na estrada,
frondosa copa amarela.
Sibipiruna.
Neuza Pommer

Orquestra festeja
com um concerto especial
o Dia da Música.
Renata Paccola
Concerto ao ar livre
festeja o Dia da Música.
Povo aglomerado.
Renata Paccola
Flores amarelas
espalhadas ao redor
da sibipiruna.
Roberto Resende Vilela
No entardecer
potrilho galopando
fugindo do laço.
Therézinha Válio Corrêa

D E U S * U M A B I O G R A F I A *
José Lopes e Alexandre Versignassi, Super Interessante Nov/2010 – www.superinteressante.com.br

Conclusão do número anterior

É aí que está a origem do grande personagem desta história: Javé, uma divindade que provavelmente começou como um deus menor, cultuado por nômades. Bem antes de a *Bíblia* ser escrita. Ele começou de baixo. Era só mais um deus entre vários outros de sua região. Só que na *Bíblia* Javé é identificado como o Deus único. Hoje, cogitar a existência de outras divindades que teriam conviviado com o Senhor da *Bíblia* é um absurdo do ponto de vista religioso. Mas não do ponto de vista científico. Pesquisadores de várias

áreas – arqueólogos, linguistas, teólogos – estão encontrando pistas sobre uma provável “vida progressa” de Javé. Uma vida mitológica que ele teve antes de seu nome ir parar na *Bíblia* como o da entidade que criou tudo. Onde pesquisar isso? A própria *Bíblia* é uma fonte. O Livro Sagrado não foi feito de uma vez. Trata-se de uma coleção de textos escritos ao longo de séculos. O *Pentateuco*, os 5 primeiros livros da *Bíblia*, foi finalizado por volta de 550 a.C. Mas há textos ali de 1000 a.C., ou de antes. E nada disso foi editado em ordem cronológica – em grande parte, a *Bíblia* é uma

junção de textos independentes, cada um escrito em tempos e realidades diferentes. Como saber a que tempo e a que realidade cada um pertence? Pela linguagem. Pesquisadores analisam as expressões do texto original, em hebraico, e vão comparando com a de documentos encontrados em escavações arqueológicas, cuja datação é fácil de determinar. Com esse método, chegaram a uma descoberta reveladora. Alguns poemas da *Bíblia* dão a entender que Javé era uma divindade de lugares chamados Teiman ou Paran – dizendo literalmente que o deus veio dessas regiões. E esses

textos estão justamente entre os mais antigos – se a língua do livro fosse o português moderno, eles estariam mais para Camões. Teiman e Paran eram lugares desérticos fora das fronteiras onde viviam os homens que escreveram a *Bíblia*. Não se sabe exatamente que regiões eram essas, já que os nomes dos territórios vão mudando ao longo dos séculos. “Mas arqueólogos supõem que essa região seja no noroeste da atual Arábia Saudita”, diz Mark Smith, professor de estudos bíblicos da Universidade de Nova York. E isso diz muito. Os autores dos primeiros textos da *Bíblia*

viviam na antiga Canaã – uma região do Oriente Médio onde hoje estão Israel, os territórios palestinos e partes da Síria e do Líbano. Ali se formaram algumas das primeiras civilizações da história, há 10 mil anos. E por volta de 1000 a.C. já era um território disputado (como nunca deixou de ser, por sinal). Estava dividido numa miríade de tribos, as dos israelitas, a dos hititas, a dos jebudeus...

Apesar das rivalidades, todas tinham culturas parecidas. Reverenciavam o mesmo panteão de deuses, por exemplo. Mas Javé, pelo jeito, não era um deles. Teria sido importado das áreas mais desérticas do sul.

Outra evidência disso é a associação de seu nome com os chamados *shasu*. *Shasu* é um termo egípcio que significa “nômade” ou “beduíno”. Algumas inscrições egípcias mencionam um “Javé dos Shasu”.

Uma possibilidade, então, é que nômades do deserto teriam se incorporado às tribos israelitas, trazendo o novo deus com ele. Essa divindade se embrenharia no meio da grande mitologia desse povo: o panteão de deuses cananeus. Mas quem eram essas divindades? As melhores pistas a esse respeito vêm de Ugarit, uma antiga cidade encontrada durante escavações arqueológicas na atual Síria. Ela foi destruída por invasores em 1200 a.C., quando os israelitas ainda eram um povo em formação. As inscrições encontradas ali, então, servem como uma cápsula do tempo. Revelam o contexto cultural em que nasceu a mitologia israelita, mostra como era a mitologia dos antepassados dos escritores da *Bíblia*. E os deuses em que eles acreditavam seriam fundamentais para a biografia de Javé. O panteão de Ugarit é bem grandinho, mas algumas figuras se destacam. Há o pai dos deuses e dos homens, o idoso, bondoso e barbudo El; sua esposa, Asherah, deusa da vegetação e da fertilidade; a filha dos dois, Anat, feroz deusa do amor; e o filho adotivo do casal, Baal, deus da guerra e da tempestade que morre, ressuscita e derrota as divindades malignas Yam (o Mar) e Mot (a Morte).

Muitos estudiosos especulam que as tribos israelitas originalmente tinham El como seu deus supremo. Afinal, o nome do povo bíblico também termina com o elemento –el. “Esse tipo de nome próprio, conhecido como teofórico (‘portador de um deus’, em grego), costuma dar pistas sobre o ente divino que o dono do nome venera”, diz Airton José da Silva, professor de *Antigo Testamento* da Arquidiocese de Ribeirão Preto.

Mas os indícios a respeito de El vão além da nomenclatura. O deus cananeu também tem uma relação especial com os chefes de clãs, prometendo-lhes uma vasta descendência – exatamente o que Deus faria depois na *Bíblia* ao selar uma aliança com os ancestrais dos israelitas, Abraão, Isaac e Jacó. “El é o deus desses patriarcas”, diz Christine Hayes, professora de estudos judaicos de Yale.

Uma ameaça pairava sobre os deuses de Canaã. Era a ambição de Javé. O novo deus começou a buscar seu lugar entre as antigas divindades cananeias. E teve sucesso. Com sua personalidade forte, foi ganhando espaço dentro da mitologia israelita, tomando o terreno dos deuses criados pelos povos cananeus.

A maior prova disso está em outro texto poético dos mais antigos da *Bíblia*, o Salmo 82. Ele nos apresenta o chamado “conselho divino”: uma espécie de Câmara dos Deputados dos deuses, na qual eles se reúnem para discutir assuntos importantes – um indicío de que o Salmo foi escrito antes do próprio início da *Bíblia*, que já começa apresentando Javé como Deus único. A ideia, ali, é que El preside o conselho e seus filhos ou subordinados discursam. Lá, Javé aparentemente perde a paciência: “Deus se levanta no conselho divino/em meio aos deuses ele julga!” Até quando vocês julgarão injustamente./sustentando a causa dos injustos? (...) “Eu declaro: embora vocês sejam deuses,/e todos filhos do Altíssimo,/morrerão como qualquer homem”. Trocando em miúdos menos rebuscados: “Quem manda aqui sou eu”.

É difícil dizer a que período da história israelita corresponde esse momento em que, na imaginação religiosa das pessoas, Javé começou a impor sua vontade perante os deuses cananeus. Talvez o fenômeno tenha a ver com a consolidação de Israel como povo distinto dos demais cananeus: a adoração a uma divindade unicamente israelita pode ter emergido como um elemento-chave nessa consciência “nacionalista” dos ancestrais dos judeus.

Para completar essa nova fase na vida do Senhor, que poderíamos chamar de começo da vida adulta, falta ainda um elemento crucial. Lembre-se do impetuoso deus guerreiro Baal. O que parece ocorrer, segundo Mark Smith e outros especialistas, é que Javé se “baaliza”, virando uma mistura de El e Baal, com ligeira predominância do segundo.

As evidências: Javé e Baal estão associados a tempestades, vulcões, fogo e terremoto; ambos são guerreiros invencíveis que habitam o alto de montanhas (Baal vive no lendário monte Zafon, Javé, no Sinai). E a semelhança fica ainda mais detalhada.

Na tradição mitológica de Canaã, quem tinha triunfado contra Yam, o deus caótico do mar, era Baal, mas os textos da *Bíblia* atribuem essa vitória – adivinhe só – a Javé. Mais sugestivo ainda: alguns Salmos parecem ter sido originalmente hinos a Baal que acabaram adaptados para o culto ao Senhor dos israelitas. Só que Javé vai muito além das intervenções típicas de Baal no mundo. Na mitologia israelita, sua grande vitória não é contra o mar, mas, sim, usando o mar como arma contra o faraó que tinha escravizado o povo hebreu no Egito. Escolhendo o profeta Moisés como seu emissário, conforme conta o livro bíblico do *Êxodo*, o novo deus guerreiro puniu os egípcios com uma sucessão de pragas e, como grand finale, destruiu “carros de guerra e cavaleiros” do faraó afundando-os no mar.

A diferença em relação a Baal é que o Senhor seria capaz de agir não só num passado mítico mas na própria história dos israelitas. Ele é literalmente “o Senhor dos Exércitos de Israel”, aquele que promete a vitória em batalha em troca da fidelidade religiosa do povo. Daí em diante, Deus nunca deixa de ser, em grande medida, um guerreiro.

Além de herdar o trono de El na mitologia israelita, Javé também pode ter levado Asherah,

a mulher do velho deus. Eis aí uma possibilidade para a qual a *Bíblia* não prepara seus leitores. Os profetas bíblicos vivem chiando contra o fato de que os israelitas estariam se “prostituído” (metaforicamente, e talvez literalmente também, via orgias rituais) nos altares de Asherah. Mas inscrições achadas ao longo do século 20, como as de Kuntillet Ajrud, um pit stop de caravanas no deserto do Sinai, poderiam indicar que o deus e a deusa não eram inimigos, e sim um casal.

As inscrições, datadas em torno do ano 800 a.C., dizem coisas como “a bênção para ti por Javé de Teiman e sua Asherah”. Seja como for, mesmo se o casamento ainda existisse, Javé logo optaria por um divórcio – daqueles litigiosos, barra-pesada, nos quais o pai joga os filhos contra a mãe.

Seu grande momento estava chegando. Era a hora da virada para Javé. Ele deixaria de ser mais um deus. E viraria o Único. No mundo real, esse momento teve data: foi a reforma religiosa introduzida por Josias (649 – 609 a.C.), rei de Judá. Antes, porém, um interlúdio político.

Aquela altura, a nação das tribos israelitas de Canaã tinha sido dividida em dois reinos. Um ao norte, o de Israel, e um ao sul, o de Judá. E o de cima havia sido derrotado e conquistado pelo Império Assírio.

Josias não queria o mesmo destino. E parte dos seus esforços para fortalecer a unidade interna de Judá e resistir aos invasores foi uma maior centralização da vida religiosa do reino. Para isso, ele começou a transformar Javé no único deus adorado por seus súditos. Por decreto: destruindo altares a outras divindades, como El, Baal... E Asherah. Esse foi o divórcio.

Também é possível que date do reinado de Josias o ataque final dos fieis de Javé ao culto a Baal, muito criticado pelos profetas dessa época. Para a maior parte dos israelitas, não era problema adorar a Javé e a Baal ao mesmo tempo. É que outra especialidade do antigo deus cananeu era a agricultura – ele mandava chuva para regar as colheitas. Até então, embora Javé tivesse tomado conta das funções guerreiras de Baal, nada indicava que ele também pudesse bancar o regador de plantas. Mas os profetas israelitas passaram, então, a afirmar que o mandachuva era ele.

Essa expulsão definitiva de Baal do panteão explica o episódio do bezerro de ouro durante a passagem dos israelitas pelo deserto. Para quem não se lembra: o povo de Deus, cansado de esperar que Moisés volte do monte Sinai, constrói uma estatueta de ouro de um bezerro (emblema de Baal). Tanto Moisés quanto Javé ficam enfurecidos, e milhares de israelitas morrem como punição pela infidelidade do povo.

As ideias de Josias marcariam para sempre a visão que temos de Deus. E mais ainda depois que esse rei acabou morto. Na geração dos filhos do monarca reformista, o reino de Judá seria riscado do mapa e Jerusalém, a capital, acabaria conquistada pela Babilônia. Mas a adversidade do povo teve o efeito oposto em sua fé. No mundo mitológico, Javé se fortalecia como nunca. Com a nação agora indefesa militarmente, era a hora de reafirmar que o deus

da nação, ao menos, era todo-poderoso. Nisso os profetas israelitas diziam que só Javé tinha existência, vida e poder; os outros deuses eram meras imagens de pedra, metal ou madeira. Era nada menos que a inauguração do monoteísmo: um momento tão importante na história da espiritualidade quanto a adoção do cristianismo como religião oficial do Império Romano seria bem mais tarde. E era esse Javé único que iria para a *Bíblia*. E se tornaria a imagem de Deus no mundo ocidental.

Um Deus, agora, não só dos israelitas. Mas da humanidade inteira. O Deus que criou o mundo, que fez o homem à sua imagem e semelhança. E que, de certa forma, era a imagem e semelhança do Javé pré-*Bíblia*: o Deus guerreiro, militar, que pune com rigidez os erros de seus adoradores. O Velho Testamento está recheado de castigos divinos: dos mais leves, como transformar o fiel Jó, um milionário, em um mendigo, como um teste para sua fé, até o dilúvio universal – praticamente um restart no mundo depois de ter concluído que a humanidade não tinha mais jeito. A justificativa para tal comportamento está na própria história de Israel. A ideia era acreditar que os maus bocados pelos quais a nação passou nas mãos de assírios e babilônios eram provações divinas, que, se o povo mantivesse sua fé, tudo acabaria bem.

Mas Deus surge na *Bíblia* como algo mais complexo que um mero feiticeiro. Usando os paralelos deste texto, seria como se Ele tivesse amadurecido depois que Josias e os profetas o aclamam Deus único. Javé fica menos humano, menos falível. Passa a ser uma entidade transcendente de fato. Começa a afirmar aos seres humanos que “os meus caminhos não são os seus caminhos” – a ideia hoje familiar de que Deus escreve certo por linhas tortas.

Mas o caráter divino só se completaria mesmo no século 1. O primeiro século depois de seu filho, quando o *Novo Testamento* foi escrito. É a metamorfose mais radical do guerreiro Javé. Encarnado na figura de Jesus. Deus apresenta uma nova solução para a humanidade. Em vez de castigar ou destruir os homens mais uma vez, decide purgar os pecados dos mortais com outro sacrifício: o Dele próprio. Morre o corpo do Deus encarnado, não o espírito divino. Este, agora mais sereno, continuou zelando por nós. E assim será. Até o fim dos tempos. E acaba assim a nossa história, certo?

Claro que não. A saga de Javé é só um dos reflexos de uma epopeia maior: a da humanidade buscando um sentido para a existência. Nesse aspecto, continuamos tão perdidos quanto os antigos que não sabiam por que o trovão trovejava ou o que as estrelas faziam pregadas no céu. Ainda não sabemos por que estamos aqui. E a única certeza é que vamos continuar buscando respostas. Seja o que Deus quiser.

Para saber mais
The Early History of God
Mark Smith, Wm. B. Eerdmans Publishing.
Deus, uma Biografia
Jack Miles, Companhia das Letras

O peru, em meio à bulha de outras aves em concerto, como faz de leque aberto? – Grlha.
Como faz o pinto, em dia de chuva, quando se interna de baixo da asa materna? – Pia.
Enquanto alegre passeia girando em torno do ninho, como faz o passarinho? – Gorjeia.
E de intervalo a intervalo quando a manhã se levanta, no quintal que faz o galo?: – Canta.
Quando a galinha deseja chamar os pintos que aninha, como é que faz a galinha? – Cacareja.
A rã quando a noite baixa, que faz ela a toda hora dentre os limos em que mora? – Coaxa

E quando as narinas incha, cheio de gosto e regalo, como é que faz o cavalo? – Rincha.
Como faz o gato, que espia uma terrina de sopa que fumeja sobre a copa? – Mia.
Com a barriga farta e cheia, que faz o burrinho quando se está na grama espojando? – Orneia.
Para o sinal de rebate, aviso, alarme ou socorro, como é que faz o cachorro? – Late.
Para que as mágoas embale quando tresmalha, sozinha, que faz a branca ovelhinha? – Bale.
Em fugir quando porfia à garra e aos dentes do gato, como faz o pobre rato? – Chia.

De pé se a boca descerra e alta levanta a cabeça, que faz a cabra travessa? – Berra.
Cheia a boca de babuge do milho bom que rumina, que faz o boi na campina? – Muge.
A pomba que grãos debulha, como faz, batendo as asas sobre o telhado das casas? – Arrulha.
A voz tremida do grilo que vive oculto na grama, a trilar, como se chama? – Trilo.
Mas, escravos das paixões, que os fazem bons ou ferozes, os homens têm suas vozes conforme as ocasiões.

Francisca Júlia da Silva 1871-1920,
Voz dos Animais

Nunca vi noite como esta agora: ai! como é negra, como é sombria...
Fechai as portas à ventania que vem de fora.
Passa a rajada cortante e fria; correm de brumas compridas levas; que noite escura! brumas e trevas...
Ave Maria!
Inquiro as sombras, o ouvido aguçado. E ouço, medrosa, de quando em quando, um como choro trêmulo e brando, como um soluço.
Como é pungente pensar que um bando de pobrezinhas crianças nuas corre nest hora ruas e ruas choramingando!
E eu tenho leitões, boas flanelas, fôgão aceso, carne em tressalhos:

ai! se eu pudesse dar agasalhos a todas elas!
E tenho sustos, o frio corta; quero as janelas muito fechadas; vejo fantasmas, ouço pancadas ferindo a porta.
Gênios noturnos, em negro bando, calmos e tristes sob as rajadas, andam, decerto, pelas estradas sonambulando.
Francisca Júlia da Silva 1871-1920,
Noite de inverno
Melancolia é saudade, saudade é melancolia, e são ambas, na verdade, a tua ausência, Maria,
Pedro de Alcântara Worms